

História da alfabetização: e a questão dos métodos utilizados para essa prática

Gean karla Dias Pimentel¹
Jucelma Lima Pereira Fernandes²
Raquel Rocha Drews Valadares³
Sebastiana Félix da Cruz Freitas⁴
Valquíria Mendes Marques⁵
Valquíria Rodrigues Dias⁶

Sabe-se que desde o final do século XIX até os nossos dias atuais a alfabetização vem passando por tensas disputas voltadas para as antigas e as novas explicações que possam esclarecer/explicar um mesmo problema que se estende a anos que diz respeito: **a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e escrever.**

A primeira observação a ser feita, é que todas essas disputas envolvendo os diversos métodos de alfabetização vêm desencadeando inúmeras tematizações, normativas e concretizações, que se caracterizam como importantes intermediários entre os diversos fatores e outros elementos que concretizam a história de construção da alfabetização como prática escolar e também elemento de estudo/pesquisas.

É necessário frisar também que, a educação está intimamente relacionada ao desenvolvimento histórico das diversas sociedades, de acordo com suas características culturais, sociais, políticas e econômicas. Portanto, passado mais de cem anos que o modelo republicano de educação foi implantado nas escolas do nosso país (Brasil), o “fracasso escolar na alfabetização” vem sendo visto como um transtorno educacional estratégico que precisa ser resolvido com urgência.

Dessa forma, percebe-se que na tentativa de buscar soluções eficazes para a resolução do “fracasso escolar na alfabetização”, os administradores públicos, legisladores educacionais, professores e intelectuais das diferentes áreas do conhecimento, vêm

¹ Graduada em: Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

² Graduada em: Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

³ Graduada em: Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

⁴ Graduada em: Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

⁵ Graduada em: Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

⁶ Graduada em: Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia e professora na Rede Municipal de Ensino Público na cidade de Rondonópolis.

demonstrando inúmeros esforços em criar métodos que sejam eficientes e concretos que faça sanar esse problema que há décadas atinge o processo de alfabetização no nosso país.

Nota-se por outro lado, que as novas formas de alfabetizar que surgiram nestes últimos anos, ainda não conseguiram ultrapassar/superar os métodos de alfabetizar que surgiram desde o início da história da alfabetização e permanecem até os dias atuais. É por isso que, a fim de compreender melhor como se dava o processo inicial do ensino da leitura e da escrita até meados do século XIX, seria importante que conheçamos em que consistiam esses métodos de ensino que se classificavam como: Métodos sintéticos, analíticos, mistos e Testes ABC.

Os métodos sintéticos (assim, chamados porque fazem síntese entre si), têm como princípio o conceito de é preciso ensinar das partes para o todo, do desconhecido para o conhecido sem entender o significado daquilo que está escrevendo (escrita). Ou seja, primeiro ensina as vogais, segundo ensina as consoantes, terceiro ensina a formar as sílabas, quarto ensina a formar palavras, quinto ensinar a formar as frases e por fim ensina a fazer textos. Neste sentido, aprender a ler e escrever se resumiria em: decodificar e a codificar a escrita.

Os métodos sintéticos estabelecem relações entre o som e a letra, entre o oral e a escrita, por meio da aprendizagem letra por letra, sílaba por sílaba ou palavra por palavra. Os métodos sintéticos se dividem em três tipos distintos:

O alfabético (ABC ou soletração): neste método, a criança primeira aprende o nome das letras, em seguida junta as vogais e as consoantes para formar as sílabas, feito isso constroem palavras que irão compor o texto.

De todos os métodos sintéticos o alfabético é o mais antigo e mais conhecido por todos nós e foi o mais utilizado nas escolas. E Somente, em meados do século XVIII e começo do século XIX, é que o tão conhecido método da soletração começou a ser questionado a respeito da sua eficácia quanto o melhor método para ensinar a ler e escrever.

O fônico: este método nasceu como uma crítica ao método alfabético, no método fônico o estudante inicialmente começa a aprender através dos sons correspondentes às letras (grafema, fonema), ou seja, por meio da associação entre sons e letras.

De acordo com os defensores deste método, se os alunos conhecer primeiro o som de uma vogal e de uma consoante, eles poderão construir sozinhos algumas sílabas e até palavras. Apesar de toda a sua difusão esse método não conseguiu substituir o método alfabético nas instituições escolares.

O silábico ou silabação: no método silábico, o aluno primeiro aprende as sílabas, só depois é que irá formar as palavras. “Assim como o método fônico, a silabação fundamenta o

ensino na associação dos sinais gráficos aos sons que representam, entretanto, não sinais e sons isolados, mas compostos em sílabas”. (Fonte: slides da aula ministrada pela Professora: Fabiana Rodrigues Cruvinel, no dia 7/5/11, p.3). Esse método também não superou o método alfabético em vigor nas unidades/escola.

Finalmente, transformada as letras e sons em sílabas, descobertas as famílias silábicas, ensinava-se as crianças a lerem as palavras criadas com essas letras, sons, sílabas e posteriormente, ensinava-se frases separadas ou juntas. Já a escrita estava voltada para a caligrafia e da ortografia e era ensinada por meio de cópias de textos, ditados e formação de frases ressaltando a figura correta das letras.

Desse modo, até os primórdios do século XIX, o ensino da leitura e da escrita se encontrava fortemente ligada a oralização. Ou seja, o aluno/leitor precisava ouvir a sua própria voz para ter uma boa aprendizagem.

Com muito mais razão, neste mesmo século (XIX) surge os métodos analíticos que são totalmente contra os princípios dos métodos sintéticos. Os defensores do método analítico acreditavam que o ensino da leitura e da escrita deveria começar pelo todo e ir para as partes.

Sendo assim, primeiro se ensinava a formar as frases, depois decompõem as frases em palavras, em seguida separava as palavras em sílabas, posteriormente as sílabas em letras e por último ensinava as letras (vogais e consoantes). Por isso, que esse método recebe o nome de método da setencição. Estes métodos são também assim chamados, porque fazem análises entre si, no entanto decompõe o todo dentro das partes que o formam.

Os métodos analíticos se decompõem em três partes:

O método da palavração: as crianças começam a aprender por meio das palavras que são transformadas em sílabas e agrupadas em frases.

Esse método assim como o método sintético, ABC e o da silabação tem em comum principio de que para aprender a ler e escrever é de suma importância que o sujeito aprenda a decodificar o escrito, mais precisamente transformar os sinais gráficos em sons. Dessa maneira o conflito que gera entre si é apenas o fato de que seria melhor começar a decodificar por meio dos textos, frases, palavras/letras, fonemas ou das sílabas.

Método da setencição: neste método os alunos iniciam a aprendizagem através das frases que em seguida são separadas em palavras que depois serão divididas em sílabas.

Método de conto: este método “consiste em iniciar o ensino da leitura pela narração de um conto interessante para as crianças. Na seqüência as crianças repetem a narração, dramatizam a história, estudam as palavras e exercitam a leitura no quadro ou em livros”.

(Fonte: slides da aula ministrada pela Professora: Fabiana Rodrigues Cruvinel, no dia 7/5/11, p.5). Para os críticos do método de conto as crianças não aprendem a ler, apenas decoram.

Para os defensores dos métodos analíticos, eles são mais eficazes que os sintéticos por que:

Apresenta à criança um todo: a palavra, a sílaba não tem sentido, a palavra o tem, porque representa um objeto, uma coisa que existe, ou uma idéia. A palavra se refere a algo que pertence à vida, à experiência da criança... O método desperta grande prazer na criança, pois desde o primeiro dia ela sente que está aprendendo, que já sabe ler, pelo menos as palavras da lição. (Fonte: slides da aula ministrada pela Professora: Fabiana Rodrigues Cruvinel, no dia 7/5/11, p.5).

Em suma, mesmo com as fortes críticas que os defensores dos métodos analíticos fizeram aos métodos sintéticos, eles só ganharam credibilidade no começo do século XX Através da Psicologia Gestalt e a Escola Nova (ambas diziam que é preciso valorizar o sujeito internamente, ou seja, do todo para a parte).

Logo, esse fato levou os defensores dos métodos sintéticos a reformularem suas propostas de ensino criando dessa forma uma espécie de método misto, que consistia na junção dos métodos analíticos com os sintéticos. Onde foram tomados emprestados alguns elementos do modelo analítico, cuidando para que não se perdesse as características básicas do modelo sintético: o que deu origem ao método de ensinar por meio da operação $b+a=ba$ como base referencial do método misto.

Conseqüentemente e com o intuito de opor os métodos sintéticos, analíticos e mistos, Lourenço Filho criou na segunda década do século XX os Testes ABC, que tinham como objetivo verificar nos alunos o grau de maturidade necessário para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Estes Testes eram aplicados as crianças para saber se elas estavam prontas (maduras) ou não para ser alfabetizada, a aplicação dos mesmos duravam oito minutos e quem passava nestes Testes iam para a alfabetização, aquelas que não passavam continuavam na turma da preparação até atingir a maturação e só depois iam para a fase da alfabetização.

É por isso que de acordo com os resultados e o desempenho das crianças nos Testes, elas eram agrupadas em classes homogêneas e distintas. Pois, a aprendizagem só poderia começar com as turmas de maduros, enquanto que, as outras turmas ficariam retidas realizando as atividades preparatórias até estar pronta para ser alfabetizada.

Os Testes ABC, eram aplicados individualmente (criança pro criança) e poderia fazer até 24 pontos de acertos, a pontuação eram feita da seguinte maneira:

- + de 17 pontos – 1 semestre (fortes)

- 12-16 pontos – 1 ano (médio)
- 7-11 pontos - período-preparatório (fraco)
- - 7 pontos – investigação (exames)

Lourenço Filho acreditava que a alfabetização não é questão de aprender, mas maturação por meio dos Testes ABC.

Lourenço Filho foi também o grande representante da Escola Nova no Brasil, para ele o ler é decodificar e codificar o escrito, por isso, na década de 20 via o processo do ensino da leitura da seguinte maneira:

[...] o aprender a ler como o domínio de um conjunto de técnicas e por essa razão defendia que o ensino da leitura e da escrita não era questão de método, mas de iniciar-se no momento certo, quando a criança já tivesse adquirido capacidades fundamentais para aprender a ler, como coordenação visual-motora, coordenação auditivo-motora, memória visual, memória auditiva, atenção. (Fonte: slides da aula ministrada pela Professora: Fabiana Rodrigues Cruvinel, no dia 7/5/11, p.6).

Porém, no início da década de 80, esses métodos passaram a ser criticados e questionados devido à urgência em promover mudanças na educação que apresentava um quadro de aprendizagem mecanizada, realidade que estava provocando “o fracasso na alfabetização de crianças”. É neste momento, em meio a buscas de soluções para sanar o problema do fracasso escolar que introduziu no Brasil o pensamento construtivista dentro da alfabetização, proveniente de pesquisas a respeito da psicogênese da língua escrita realizada pela pesquisadora Emília Ferreiro e seus colaboradores.

O pensamento construtivista defende a tese de que a escola deve valorizar o conhecimento que o sujeito traz na sua bagagem histórica adquirida antes de entrar nela. Neste sentido, a psicogênese da língua escrita tem como características gerais: “identificar os processos cognitivos subjacentes à aquisição da escrita, compreender a natureza das hipóteses-infantis; descobrir o tipo de conhecimentos específicos que a criança possui ao iniciar a aprendizagem escolar”. (Fonte: (Fonte: slides da aula ministrada pela Professora: Fabiana Rodrigues Cruvinel, no dia 18/6/11, p.4).

Os defensores do construtivismo defendiam o abandono das teorias e das práticas tradicionais, pretendiam desmetodizar-se o processo de alfabetização, questionando principalmente a utilização das cartilhas. Dessa forma, surge o conceito de que é preciso desmetodizar a alfabetização, e começar a ver a alfabetização através dos questionamentos: *quem aprende e como aprende a língua escrita (lecto-escritura)*. Afinal nem uma criança nada sabe quando chega à escola. Até mesmo porque, “a alfabetização não é questão de

métodos apenas. Existe um sujeito buscando a aquisição de conhecimento...”. (Fonte: (Fonte: slides da aula ministrada pela Professora: Fabiana Rodrigues Cruvinel, no dia 18/6/11, p.1).

Quanto mais inseridas no mundo da escrita no meio social e familiar (ambiente alfabetizador) mais condição e facilidade a criança terá de ser alfabetizada. Porém, um ambiente alfabetizador não corresponde somente a decoração, mas sim aquele que propicia a ação da criança sobre o texto de certo modo que ela tenha interação e interesse pela leitura e a escrita.

Referências Bibliográficas

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, Cap. 1, p. 17-42.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Os Testes ABC – seus fundamentos. In: _____. *Testes ABC – para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958, Cap. 1, p. 43-58.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Revista ACOALFA p/p: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*. São Paulo, ano 3, n.5, 2008. Disponível em [HTTP://www.Acoalfap/p.net](http://www.Acoalfap/p.net).. Acesso em 7 de jan. de 2018.